

RESENHA

*Wendell Lessa Vilela Xavier**

LEWIS, C. S. **Um experimento na crítica literária**. Trad. João Luís Ceccantini. São Paulo: UNESP, 2009. 125p.

Não se trata de nenhum exagero afirmar que Clive Staples Lewis (1898-1963), mais conhecido como C. S. Lewis, está na lista dos maiores e mais influentes fornecedores de argumentos cristãos apologéticos na ficção e no romance. Nascido em Belfast, na Irlanda, em 29 de novembro de 1898, foi admitido no University College, em Oxford, no ano de 1916, com 18 anos de idade.

Em sua adolescência e juventude, C. S. Lewis viveu a efervescência da Primeira Guerra Mundial, tendo sido inclusive convocado para servir no conflito, o que, além de interromper seus estudos temporariamente, deu-lhe percepções muito nítidas acerca do problema do mal e do sofrimento humano. Essa experiência real de conviver com a morte e o desespero de pessoas reais gerou em Lewis um coração embrutecido e distante de Deus, conduzindo-o a um ateísmo prático e a um materialismo filosófico.¹

Entretanto, ao se tornar professor de Literatura Inglesa e Medieval no Magdalen College de Oxford, e depois em Cambridge, foi fortemente influenciado pela amizade com J. R. R. Tolkien, professor de literatura e cristão, tendo se convertido ao cristianismo aos 31 anos de idade, por meio de um processo

* Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e doutor em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹ Esse dilema de que “se Deus existe, como pode haver tanta injustiça, fome e miséria no mundo?” pode ser visto em LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*. São Paulo: Vida, 2009. Outro problema na vida de Lewis foi a perda de sua mãe, Florence (ou Flora), em razão de um câncer, em 23 de agosto de 1908. Mais tarde, Lewis também perde a esposa por causa do câncer. Seus sentimentos e a forma como ele entendeu isso podem ser vistos em LEWIS, C. S. *Surpreendido pela alegria*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

complexo de reconhecimento de que o sofrimento humano está inserido no plano de Deus de evidenciação de sua própria glória.

Convertido, tornou-se um eminente divulgador e apologeta da fé cristã, popularizando-se por meio de suas preleções radiofônicas na BBC de Londres, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial. Um de seus livros mais conhecidos, *Cristianismo Puro e Simples*, é uma coletânea dessas preleções. Em uma linguagem acessível, didática e bem-humorada, Lewis suaviza temas ásperos da realidade humana a fim de comunicar verdades universais aplicadas à moralidade.² Lewis trouxe conforto aos corações desesperados pelo terror da guerra.

Um Experimento na Crítica Literária é outro presente com o qual Lewis nos brinda, oferecendo-nos um caminho seguro na experiência subjetiva com a literatura. O objetivo da obra é, como o próprio título indica, propor que a leitura literária seja um experimento individual, no qual o leitor “letrado” será capaz de se libertar de seu próprio mundo e perceber, por meio da relação com o texto e pelo texto, a construção de outros mundos e perspectivas.

A obra é composta por 11 capítulos, um epílogo e um apêndice sobre Édipo. Os quatro primeiros capítulos são destinados a categorizar e a exemplificar quem são os leitores “literariamente letrados” (os “poucos”) e os “literariamente iletrados” (os “muitos”). Aqueles são distintos destes por algumas razões pragmáticas em relação ao trato do texto literário. O que Lewis deseja nos primeiros capítulos é deixar claros “os diferentes modos de ler” (p. 11).

Nem todos leem da mesma forma uma obra literária. Os “literariamente iletrados” em geral nunca leem duas vezes a mesma coisa. De acordo com Lewis, o principal argumento deles é: “Eu já li isso” (p. 8). Estes também raramente dão importância à leitura. “As pessoas se voltam à leitura como última opção e a abandonam com entusiasmo assim que qualquer alternativa de passatempo se faça presente” (p. 8).

Por outro lado, os “literariamente letrados” são aqueles que “estão sempre procurando tempo livre e silêncio para poder ler e fazê-lo com toda a sua atenção” (p. 8). Eles leem grandes obras 10, 20 ou 30 vezes ao longo de suas vidas. Não apenas leem as obras como sentem a obrigação de criticá-las, tornando-se escravos de um objetivo definido de certo trabalho a ser cumprido.

“Os dois tipos de leitores já estão prenunciados no berço” (p. 17), afirma Lewis. Suas definições de ambos os tipos de leitores não são absolutas, ele reconhece. Admite que as categorizações acima sejam precipitadas, porque se devem levar em consideração outras tantas reações não contempladas aqui em relação ao texto literário. De qualquer modo, tais categorizações são suficientes para nos colocar em um lado ou outro dessa análise e nos provocar à tomada de postura em relação ao que nós mesmos fazemos com o texto literário.

² LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

A pergunta mais efetiva talvez deva ser: “Por que lemos”? E a resposta definirá nossa compreensão da amplitude do que desejamos encontrar na arte em geral e na literatura em particular. Embora a obra de Lewis se concentre na literatura, ele também advoga que a leitura não é apenas do texto, mas do mundo, e o mundo da arte. No capítulo 3, por exemplo, propõe um encontro experimental com a música e as imagens. Em certo ponto, deixa transparecer com clareza que a interação entre o indivíduo e a obra de arte é de entrega e de contemplação:

Devemos usar nossos olhos. Devemos olhar e continuar olhando até que tenhamos visto com certeza o que ali está. Sentamo-nos em frente ao quadro no intuito de que ele nos faça algo, e não para que façamos algo com ele. Entregar-se é a primeira demanda que qualquer trabalho de arte nos faz. Olhar. Escutar. Receber. Tirarmos a nós mesmos do caminho.

Exatamente nisso consiste a proposta de Lewis em relação à obra literária: tirarmos a nós mesmos do caminho. Deve haver uma troca de olhares entre ambos. É uma relação de afeto e de singeleza, por meio da qual o leitor possa experimentar a beleza que está construída no texto, assim como na música. Não se trata de “gostar” ou “não gostar”. Esses adjetivos não refletem com exatidão o real sentido da arte. O gosto não define qualidades. A questão é que, por trás daquela obra, pode haver algo de que eu precise. Não o precisar utilitário, mas o de contemplação. Preciso ver porque ela está lá para ser vista. Não devo apenas ler com os olhos, mas devo ouvir o que ela “tem a dizer”. Seja na música, na pintura ou na literatura, há sempre o “dito” que está lá e que deseja ser encontrado. A obra quer falar. Apenas os leitores literariamente letrados são capazes de ouvi-la, porque não são surdos para as cacofonias, as aliterações e as elipses de um texto.

Assim,

como a primeira solicitação da pintura é “olhe”, a primeira solicitação da música é “ouça”. O compositor pode oferecer uma “melodia” que poderíamos assobiar, mas a questão não é se particularmente gostamos dessa melodia. Esperemos. Prestemos atenção. Vejamos o que ele vai fazer dessa melodia (p. 27).

O maior problema dos leitores é que eles são apressados – “gostam de velocidade”³ – e normalmente submetem o valor das obras literárias aos seus

³ Lewis usa essa ideia para identificar os leitores “literariamente iletrados”, os quais são ávidos por uma história rápida porque nela é mais fácil achar sentido nos acontecimentos. Eles ignoram o sentido guardado nas palavras, mas querem saber “o que vem agora”. Eles utilizam palavras como “lentas demais”, “enfadonhas” para condenar uma obra. O capítulo 4 – “A leitura dos literariamente iletrados” – traz essa categoria.

gostos pessoais. Assim é com a maioria. Não há, na maior parte das pessoas, contemplação. A maior parte deseja ver o “significado”, o “sentido”, como se a obra tivesse que dizer algo concreto – é o que Lewis chama de “acontecimento”. “Ele lê apenas narrativas porque sabe que somente nelas encontrará um Acontecimento” (p. 32).

Os temas “Mito”, “Fantasia” e “Realismo” são tratados nos capítulos 5 a 7. Seu objetivo é o mesmo: argumentar que os “literariamente iletrados” não são capazes de observar experiências para além dos “acontecimentos”. No caso dos mitos, eles são sempre “fantásticos”, remetem à fantasia, e o resultado da interação deles conosco é de gravidade tal que sempre devem despertar em nós um sentimento de “temor respeitoso” (p. 43).

As fantasias geram nos leitores “literariamente iletrados” um movimento catártico. Eles se identificam com as personagens de modo a projetar neles seus desejos idólatras – digo eu – de prestígio ou substituição vicária. As fantasias podem prometer redenção àqueles que não enxergam nelas sua real finalidade, levar-nos a outro mundo, mas sem que entremos nele – permaneceremos fora, numa contemplação maior que um mero devaneio.

A obra literária deve desejar tornar palpável e vívido aquilo que demonstra. As histórias devem ser vívidas e imagináveis, nitidamente imaginadas. Uma ficção é realista quando transmite algo de real e fiel à realidade. Esse é o realismo de conteúdo, do qual Lewis faz derivar o necessário entendimento para uma crítica literária honesta e eficiente.

De acordo com Lewis, os “literariamente letrados” também podem realizar más leituras. Este é o tema do capítulo 8. Eles podem cair no erro de confundir arte e vida, relacionando-as numa mesma dimensão, quando são separadas. É possível que tais leitores tratem a ficção como fonte de conhecimento e passem a se considerar “cultos”, conhecedores de conceitos e obras, chegando mesmo a pensar que as curiosidades estão se esgotando e que se está construindo um “estilo de vida”, uma “filosofia de vida”.

Pensar a literatura como a construção de uma “filosofia de vida” é problemático para Lewis. Essa condição daria ao leitor o afastamento da real satisfação da literatura, tornando-a uma psicoterapia, uma religião, uma filosofia – tudo menos um conjunto de arte, como deve ser. Lewis fornece uma preciosa sugestão:

Ao ler obras de imaginação, sugiro que deveríamos nos concentrar muito menos em modificar nossas opiniões – embora isso, é claro, constitua, por vezes, seu efeito – do que adentrar plenamente nas opiniões e, portanto, também nas atitudes, nos sentimentos e na total experiência de outros homens.

De fato, é este o argumento do capítulo 9: é necessário ver a obra literária com uma visão de conjunto entre as palavras e o conteúdo. O leitor

“literariamente iletrado” não vê o conjunto. Ele lê apenas palavras. Despreza seu conteúdo e as interações. Para Lewis, “a distinção entre conteúdo e palavras nos parece tamanha violência no que concerne à grande literatura” (p. 80).

A poesia toma conta do capítulo 10 e a experiência, do capítulo 11. Este último capítulo é o mais sublime e o que ocupa maior espaço na obra, pois é nele que a “experiência” literária se mostra como uma realidade fantástica e por meio do qual Lewis constrói um sistema de leitura. Primeiramente, o valor da literatura só tem sentido quando o leitor, de fato, a conhece, quando o leitor lê, de verdade, a obra. “Livros em uma estante são apenas literatura em potencial” (p. 93). Os sistemas de ensino devem propiciar experiência literária constante, tirando os leitores da abstração e conduzindo-os à “literatura em operação” (p. 94).

Em segundo lugar, Lewis propõe um sistema que ponha os nossos pés no chão ao invés da areia movediça proposta pelas demais práticas. De fato, a prática de leitura habitual é aquela leitura que conduz o leitor ao próprio mundo das personagens, no qual o indivíduo estabelece com elas uma relação vicária e redentiva, catártica e psicoterápica. A literatura não existe para esse fim. Ao contrário, devemos continuar realistas em nosso próprio mundo, olhando bem, mas de fora, sem nos perturbar existencialmente com as coisas da ficção. Sonhar, mas sem confundir a fantasia e o real.

Em terceiro lugar, a experiência literária deve produzir mais trabalho à crítica literária, por propiciar a necessidade de uma hermenêutica mais séria e própria da obra, de conjunto e conteúdo, não apenas de palavras superficiais ou de viagens quiméricas.

Não há dúvida de que *Um Experimento na Crítica Literária* é, ainda que escrito originalmente em 1961, uma novidade no modo de se fazer crítica literária hoje. Nós mesmos que somos leitores vorazes devemos examinar nosso método de leitura e verificar, de acordo com Lewis, se somos dignos de nos considerar “literariamente letrados”. Talvez muitos ainda vejam a obra literária como uma redenção ou catarse. Alguns, não há dúvida, como substituto existencial. Normalmente, os “literariamente iletrados” habitam mundos minúsculos. São vazios de sentido e conteúdo.

As palavras no epílogo são ricas e valem ser citadas:

O homem que se contenta em ser apenas ele mesmo e, portanto, ser menos, vive numa prisão. Meus próprios olhos não são suficientes para mim, verei por meio dos olhos de outros. A realidade, mesmo vista por meio dos olhos de muitos, não é suficiente. Verei o que outros inventaram. Até mesmo os olhos de toda a humanidade não são o bastante. Lamento que os animais não possam escrever livros. Ficaria contente em saber que face têm as coisas para os olhos de um rato ou de uma abelha. Ainda mais contente ficaria em perceber o mundo olfativo, impregnado com todas as informações e emoções que contêm para um cão (p. 120).

A experiência literária é remédio para curar a individualidade sem, contudo, anulá-la, afirma Lewis. Por meio do olhar do outro, revelado em sua obra literária, podemos experimentar com precisão nossa própria individualidade, sem transformá-la no outro, sem se imiscuir no outro. A perspectiva do indivíduo permanece, mas ele é convidado a experimentar o outro.

Especialmente nós, pastores, professores e estudiosos cristãos, devemos ler *Um Experimento na Crítica Literária*, a fim de perceber o quanto podemos ser mais criativos e imaginativos, o quanto devemos conhecer o mundo através do olhar de outros, vermos a realidade sob várias formas e enfoques. Saber que não somos somente nós que habitamos e povoamos os conceitos da humanidade, mas que há realidades fantásticas ao redor de nós que podem nos levar a pensar sobre nós mesmos e sobre o mundo no qual habitamos.